



Ano I Nº 356
29 de janeiro de 2010
Índice

Basta de práticas antissindiciais no Brasil	01
Seminário Mundo Trabalho iniciou com série de debates	02
Mesa Redonda "Crises e Oportunidades"	03
Solidariedade aos trabalhadores na Opel	04
FSM Porto Alegre chega ao fim com avaliação positiva	05

INTERNACIONAL

FSM 2010 - Seminário Mundo Trabalho:

Basta de práticas antissindiciais no Brasil

Práticas antissindiciais foi o tema debatido pela CUT e as demais centrais no Seminário Mundo Trabalho, atividade sindical do Fórum Social Mundial 2010, Porto Alegre.



Práticas antissindiciais foi o tema debatido no auditório da Assembleia Legislativa na quinta-feira (dia 28) pela CUT e as demais centrais (CGTB, CTB, FS, NCST e FS) no segundo dia do Seminário Mundo Trabalho, atividade sindical do Fórum Social Mundial 2010, Porto Alegre. O evento foi realizado pelas seis em parceria com o DIEESE, com o objetivo de divulgar o tema, apresentar alguns casos que ocorrem no Brasil, bem como fortalecer a unidade das centrais na ação para o enfrentamento do problema.

Antes da abertura dos trabalhos, Rosane Silva, secretária nacional de Mulheres da CUT pediu às centrais que intensifiquem a luta pela ratificação da Convenção 156 da OIT, sobre a igualdade de oportunidades no trabalho entre homens e mulheres e chamou a todos/as para a Marcha Mundial de Mulheres de 8 a 18 de março, para que reafirmem esta bandeira.

Além dos representantes das centrais, participaram do debate Lilian Arruda, do DIEESE; Jacira de Oliveira, da auditoria fiscal do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE) e Ricardo Brito Ferreira, coordenador da promoção da liberdade sindical do Ministério Público do Trabalho.

Representando a CUT, Quintino Severo, secretário-geral nacional, lamentou a ausência do Poder Judiciário no evento. "Temos vários questionamentos para este poder como a lentidão da justiça para julgar as questões que afetam os trabalhadores e trabalhadoras e impedem avanços nas conquistas, caso do interdito proibitório, que desde a década de 90 tem sido usado indevidamente por empresas para inviabilizar os movimentos grevistas e as próprias entidades sindicais", apontou.

Lilian apresentou um painel sobre as convenções aprovadas e ainda não aprovadas no Brasil, chamando a atenção para algumas convenções, como a 87, sobre a liberdade sindical e a proteção do direito sindical, que já ultrapassa 60 anos e ainda não foi ratificada em nosso país. Falou também sobre as convenções 151 (sobre o direito de negociação no serviço público) e 158 (que coíbe a demissão imotivada), já encaminhadas ao Congresso para a ratificação, mas que ainda encontram dificuldades, especialmente, a 158, que enfrenta grande resistência no Congresso devido à pressão dos empresários.

A técnica também apresentou um histórico das ações realizadas pelo Comando Unitário de Combate às Práticas Antissindiciais, criado pelas centrais em 2007 com o objetivo de desenvolver o enfrentamento a essas práticas. >>>>

>>>Basta de práticas antissindicais no Brasil

Ministério Público

Além de duras críticas ao Judiciário, Quintino Severo fez cobranças ao Ministério Público "Concordamos que o MPT fiscalize o abuso contra os trabalhadores/as, mas queremos também que ele fiscalize os abusos das empresas. E que sejam rápidos, pois somos o tempo todo criminalizados, penalizados com impedimentos para representarmos os trabalhadores".

Quintino também embrou que os patrões estão obrigando os trabalhadores a se desfilarem. "Promovem assassinatos de dirigentes sindicais, estimulam a informalidade e a rotatividade como forma de precarizar as relações de trabalho. Essas práticas não são privilégios dos trabalhadores urbanos, mas também ocorrem no campo", alertou. Ele ainda homenageou Jair Antonio da Costa, dirigente sindical assassinado pela Brigada Militar, durante manifestação em Sapiranga, em 2005.

Respondendo pelo MPT, o procurador Ricardo Pereira afirmou que o organismo não é inimigo da classe trabalhadora, mas é parceiro. "Falta confiança na atuação do Ministério Público. Sua função é defender os interesses dos trabalhadores, e tanto o MPT quanto o movimento sindical têm sua existência garantida através de cláusula pétrea na Constituição", observou. Temos que defender todas as convenções, como a 87, pois ela dá oxigênio ao movimento sindical, ressaltou.

Seminário Mundo Trabalho iniciou com série de debates

A CUT e as demais centrais deram início na tarde do dia 27 ao Fórum do Mundo do Trabalho, atividade por elas organizada e que integra o Fórum Social Mundial 2010 - Porto Alegre, 10 anos depois.

A mesa de abertura oficial do Fórum do Trabalho foi composta por Quintino Severo, secretário-geral nacional da CUT e por representantes das demais centrais brasileiras (CGTB, CTB, FS, NCST e UGT). Também estiveram à mesa Rafael Freire representando a Confederação Sindical dos Trabalhadores das Américas (CSA) e Hugo Bosca, da Federação Sindical Mundial do Uruguai.

"Este seminário que abrimos hoje tem papel fundamental para a classe trabalhadora não só do Brasil, mas para a América Latina e para o mundo, diz Quintino após saudar os participantes. "Isso porque nós, os movimentos sociais, quando iniciamos o Fórum Social Mundial há dez anos, acertamos o diagnóstico. Este é um espaço para aprofundarmos as discussões sobre projetos para um novo mundo possível, onde o desenvolvimento que queremos se inclui".

Artur Henrique, presidente nacional da CUT, Maria Pimentel da CGTB e Nivaldo Santana, da CTB, apresentaram painéis com perspectivas e desafios para o movimento sindical perante a crise mundial.

O presidente da CUT foi incisivo ao falar que "a crise tem nome e sobrenome. Nós sabemos quem são responsáveis pela crise aqui no Brasil - é a direita, são os neoliberais. Não podemos permitir que haja retrocesso em nosso país, portanto, precisamos somar nossos esforços e não deixar esse pessoal voltar a governar. Digo isso porque as saídas que eles apresentam para a crise seguem o modelo neoliberal, onde as saídas são sempre as mesmas, ou seja, injetar trilhões de dólares para salvar bancos e empresas enquanto a população está desempregada".
(Paula Brandão) (CUT, 29.01.2010)

Presidente da CUT pede união da esquerda para apoiar Dilma a presidente

Arthur Henrique fez pedido durante evento no Fórum Social Mundial, em Porto Alegre, público reagiu positivamente e gritou o nome da ministra Dilma, que é pré-candidata à Presidência da República com o apoio de Lula

A pesença da ministra da Casa Civil, Dilma Rousseff, no Forum Social Mundial, em Porto Alegre, contribuiu para fortalecer a pré-candidata à sucessão presidencial. O presidente da Central Única dos Trabalhadores (CUT), Arthur Henrique, pediu a união da esquerda para evitar a derrota como ocorreu no Chile, onde o empresário da direita Sebastián Piñera venceu o candidato do governo, Eduardo Frei.

O público no Gigantinho reagiu positivamente, gritando o nome de Dilma. A ministra se levantou da cadeira e acenou para a plateia. Um grupo chegou a adaptar um jingle de campanha de Lula - "Olé, olé, olá, Dilma, Dilma". (Agência Estado, 27.01.2010)

Fórum Social Temático da Bahia

Mesa Redonda "Crises e Oportunidades"

CUT defende no FSMT "mecanismos de democracia direta e contrapartidas sociais"

No Fórum Social Temático da Bahia, que iniciou nesta sexta-feira (29) e segue até domingo (31) em Salvador, a Mesa Redonda "Crises e Oportunidades" reuniu lado a lado, literalmente, o presidente nacional da CUT, Artur Henrique, e a escritora Susan George, co-fundadora e presidente do ATTAC, movimento francês que se notabilizou pela campanha para taxar em 1% o fluxo do capital financeiro para acabar com a pobreza mundial.



Conforme os idealizadores do Projeto Crises e Oportunidades, que reúne cerca de 30 especialistas das mais diversas áreas – coordenado pelo professor da PUC-SP, Ladislau Dowbor -, ao coletivizar as formulações no FSMT, os participantes buscam ampliar a coleta de propostas concretas de transformações e políticas públicas, dialogando diretamente com os responsáveis governamentais pela sua implementação. A idéia, defendem, "visa construir uma agenda de governança que responda de maneira equilibrada às necessidades econômicas, mas que também permita enfrentar os grandes desafios da desigualdade e da sustentabilidade ambiental, nos planos nacional, regional e global".

Esta ação consciente e coletiva é necessária, sublinhou Susan George, pois os responsáveis pela crise continuam a não reconhecer o óbvio: que ela é bem mais do que financeira, "por mais graves que sejam seus aspectos financeiros". Susan avalia que esta é uma "crise múltipla, na qual todos os elementos que a compõem se reforçam e agravam reciprocamente, com a desigualdade alcançando níveis insustentáveis".

Artur Henrique defendeu que uma das questões chaves para o enfrentamento desta crise e para "a construção de um novo mundo possível e necessário" está intimamente ligada à criação de instrumentos e mecanismos de democracia direta, o que fortalecerá a participação coletiva e ampliará a possibilidade de maior controle social do Estado. Da mesma forma, o presidente cutista alertou para a necessidade de se estabelecerem contrapartidas sociais para os empréstimos com recursos públicos, vinculando a sua liberação ao cumprimento da legislação, seja ela ambiental ou trabalhista, à geração de emprego e renda. "Precisamos ter tolerância zero com o trabalho escravo e infantil, tolerância zero com a rotatividade da mão-de-obra, com as extensas jornadas. Os trabalhadores precisam de tempo livre para a cultura, a educação e o lazer", ressaltou. Entre as propostas elencadas pela CUT, acrescentou Artur, encontra-se "o imposto sobre grandes fortunas e o limite de propriedade da terra, para promovermos uma profunda mudança no modelo agrário atual". Diante dos ataques de privatistas e neoliberais, Sílvio Caccia Bava, do Instituto Polis e do Le Monde Diplomatique Brasil defendeu a necessidade de se resgatar a dimensão pública do Estado.

O jornalista Joaquim Palhares, coordenador da Agência Carta Maior, alertou para "o vetor ideológico, estratégico para a globalização neoliberal", denunciando a visão alienante e alienadora dos grandes conglomerados de mídia, que têm se comportado como "braços operativos do grande capital" ao defenderem sua "política de Estado mínimo e de privatizações, seu modelo excludente e concentrador de renda". Ao todo foram mais de uma dúzia de intervenções que se somaram, trazendo contribuições nos mais diferentes campos.

Representando a Secretaria Nacional de Economia Solidária, o renomado economista Paul Singer elogiou o tom do documento que vem sendo formatado como "uma agenda de mudanças estruturais", mas cobrou uma definição de uma estratégia que aponte "o que nós intelectuais, sindicalistas e governos podemos fazer para construir as transformações necessárias".

Além do professor Ladislau Dowbor e de Susan George, o documento "Crises e Oportunidades: Uma agenda de mudanças estruturais" contém contribuições de Carlos Lopes, subsecretário geral da ONU e do eco-socioeconomista Ignacy Sachs, professor da Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais de Paris. Os textos estão disponíveis no site www.criseoportunidade.wordpress.com "podendo ser livremente divulgados para fins não comerciais". (Leonardo Severo, de Salvador-BA) (CUT, 29.01.2010)

Solidariedade aos trabalhadores na Opel

CNM/CUT envia carta de solidariedade aos trabalhadores na Opel

O presidente da CNM/CUT, Carlos Grana, e o secretário de Relações Internacionais da Confederação, Valter Sanches, enviaram na segunda-feira (25), carta de solidariedade aos companheiros belgas que trabalham na planta da Opel, na Antuérpia.

São quase três mil metalúrgicos e metalúrgicas que vão pagar pela crise criada pela ganância dos patrões. Isso é inaceitável. Além disso, mais 8 mil trabalhadores também correm riscos", disse o presidente da CNM/CUT.

Abaixo, leia a íntegra da Carta

Companheiros e companheiras,

A Confederação Nacional dos Metalúrgicos da CUT, condena esta brutal intenção da direção da GM em fechar a planta de Antuérpia, na Bélgica.

Considerando que, durante o pior período da recente crise, esta empresa foi uma das principais a receber enorme apoio financeiro dos governos ao redor do mundo, nós esperávamos que a GM caminhasse para outro nível nas relações trabalhistas. Mas como o Sr. Nick Reilly anunciou, isso não vai acontecer. A empresa insiste em transferir para os trabalhadores o fardo criado por sua má administração.

Para os trabalhadores metalúrgicos brasileiros este comportamento é inaceitável. Os trabalhadores ao redor do mundo devem tomar uma posição e mostrar isso para as empresas.

Estamos em solidariedade com companheiros e companheiras na Antuérpia e também com suas famílias. Vamos informar nossos companheiros metalúrgicos na GM no Brasil e cuidadosamente atualizá-los sobre o assunto. Estamos preparados para ajudá-los ativamente.

Carlos Grana - Presidente da CNM/CUT

Valter Sanches - Secretário de Relações Internacionais

Sindicatos unidos pela manutenção dos empregos na Bélgica

Os sindicatos dos trabalhadores da Opel na Europa estão reunidos em Antuérpia

Os sindicatos dos trabalhadores da Opel na Europa estão reunidos em Antuérpia. Mas o Director executivo da GM, Nick Reilly, anunciou esta terça-feira (26) que o plano de reestruturação está concluído, falta apenas o acordo final com as instituições sindicais. Apesar do otimismo o encerramento da unidade de Antuérpia criou uma onda de solidariedade entre os sindicatos.

Esta terça-feira na Bélgica estudam-se formas de protesto. O sindicato alemão apoia a luta. "Porque é que viemos de Eisenbach? Somos a Opel e ficamos juntos enquanto Opel. Mostrámo-lo em Setembro e mostramo-lo agora."

Os trabalhadores vão unir-se para salvar os empregos na Europa. As críticas contra a administração da General Motors são muitas.

"A única coisa que sabem fazer é tomar decisões unilaterais para nós isso é inaceitável."

Na Antuérpia, dois mil e seiscentos trabalhadores vão perder os seus empregos depois do anúncio do encerramento da fábrica feito pela GM.

No total, o plano de reestruturação da empresa prevê o corte de mais de oito mil postos de trabalho, a maioria na Alemanha mas também em Espanha.

Trabalhadores da Opel manifestam-se no salão automóvel de Bruxelas

Um grupo de trabalhadores da Opel protestou contra o encerramento da fábrica de Anvers durante o salão automóvel de Bruxelas.

Cerca de 60 manifestantes filiados a dois sindicatos belgas formaram um cordão humano envolvendo o stand da marca.

Outros militantes sindicais aproveitaram a mesma ocasião para realizar um outro protesto solidário junto do stand da Saab. (*Euronews, 26.01.2010*)



FSM Porto Alegre chega ao fim com avaliação positiva

Após cinco dias de debates, discussões e avaliações, o Forum Social Mundial (FSM) 10 anos Grande Porto Alegre chega ao fim. Mesmo não sendo um evento centralizado, como o que acontecerá no próximo ano, em Dakar, no Senegal, o encontro conseguiu reunir 35.000 pessoas de 39 países em 915 atividades desenvolvidas em Porto Alegre e cidades vizinhas, no Rio Grande do Sul.

FSM 2010 - Lula faz balanço dos 10 anos do Fórum



Para Joaquim Pinheiro, do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), o encontro foi produtivo, visto que cumpriu com a função a que se propôs. "O Forum cumpriu com seu papel ao utilizar os dias para debates relevantes", afirma.

De acordo com ele, crise financeira mundial, bases militares na Colômbia, golpe de Estado em Honduras, 15ª Conferência das Partes (COP 15) da Convenção-Quadro da ONU sobre a Mudança do Clima e crise alimentar foram algumas questões que pautaram as discussões no evento.

Ao que tudo indica, os debates ainda seguirão ao longo do ano. Isso porque, além dos demais Fóruns programados para acontecer no decorrer de 2010 em diferentes cidades do planeta, hoje (29), segundo informações de Pinheiro, mais de 1.000 líderes de movimentos e organizações sociais participaram de uma assembleia no encontro para traçar prioridades de ações para este ano.

A principal delas será uma campanha continental contra as bases militares estrangeiras na América Latina e no Caribe. Além disso, a criminalização dos movimentos sociais e a mudança climática também estarão entre os destaques das atividades das organizações sociais neste ano.

Em relação aos dez anos de Forum Social Mundial, Joaquim Pinheiro faz um balanço positivo do evento. Para ele, o FSM começou justamente com a proposta de ser um debate diferente, um espaço de articulação de vários setores da sociedade em busca de alternativas ao modelo neoliberal que o mundo vivia na época.

Hoje, com a mudança na conjuntura política, a situação não é a mesma, o que faz com que o FSM também precise de novas discussões. "A questão agora é: como avançar daqui pra frente?", indaga o membro do MST.

Para ele, é importante preparar-se para os novos desafios que começam a surgir. "O golpe em Honduras, a instalação de bases militares na Colômbia, por exemplo, são ofensivas [dos conservadores] para retomar a hegemonia que tinham na região [latino-americana e caribenha]", alerta. Na opinião dele, é necessário observar essa nova realidade para, assim, lutar pela democracia plena e pela justiça social.

O Forum Social Mundial 2010 é um evento descentralizado, que continuará a ocorrer durante todo o ano em diversas cidades do mundo. Ao todo, mais de 30 Fóruns estão programados para acontecer neste ano. A ideia é que todos os eventos sejam interligados e contribuam para a construção do próximo Forum Social Mundial centralizado, que acontecerá em 2011, em Dakar, no Senegal. *(Karol Assunção) (Adital, 29.01.2010)*